

Ceilândia protesta

DF - Educação

ide

8/8/86, SEXTA-FEIRA • 13

contra demissões

As demissões dos diretores do Complexo Escolar «A», Erasto Mendonça, e da Escola Classe nº 5, José Geraldo Ferreira, levaram ontem centenas de pessoas à Escola Normal de Ceilândia para manifestarem seu repúdio à medida. Elas criticaram o projeto federal Irmãozinho, a linha de atuação da Fundação Educacional do Distrito Federal que tem como diretriz a prática democrática, e a nomeação da professora Alda Ilza de Lima para a direção do Complexo.

Nas salas de aula, diretores, professores e pais de alunos se reuniram para discutir a situação. No pátio do colégio os alunos realizaram um ato público que contou com a presença do Sindicato dos Professores do DF, de diversas entidades estudantis e da Ordem dos Advogados do Brasil, seção DF. Todos tiveram acesso ao microfone e o tom dos discursos foi de críticas à FEDF.

A presença da polícia não inibiu a participação estudantil e as confusões só surgiram quando os soldados estreitavam a área onde acontecia a manifestação. Esta situação só contribuiu para que os estudantes gritassem ainda mais as palavras de ordem: «la ia ia cadê democracia. Ora ora ora a escola é nossa. Nada de ação queremos educação». A vaia ficou reservada à diretora nomeada, Alda de Lima. Ihada na secretaria, tendo na porta soldados para impedir a entrada de «estranhos», ela resolveu sair da sala quando ouviu o refrão: «Ora, ora, ora, a Alda é medrosa». Para demonstrar o contrário, a professora chegou na porta do gabinete e recebeu como resposta uma estrondosa vaia, que a fez voltar para dentro.

A manifestação dos pais também foi contundente e hoje seguirá para a

Secretaria de Educação um abaixo-assinado pedindo a readmissão dos diretores. Reunidos em duas salas de aulas, onde estavam mais de 100 pessoas, eles criticavam a situação: «Perdi um dia de trabalho para votar nos diretores e agora demitem sem nos consultar. Afinal, vão nos respeitar ou não», disse Vivaldo Correia Cerqueira. «Quero de volta o diretor que eu elegi», afirmou Silvana de Souza Vilar. «Queremos a readmissão imediata, não somos moleques», disse Maria Eterna Maia.

A implantação do projeto Irmãozinho também foi bastante criticada. O programa prevê a distribuição mensal de 1.200 gramas de alimentos desidratados para irmãos de alunos com idade entre quatro e seis anos, e foi a causa das demissões dos diretores. A opinião dos pais a este respeito é que o programa só apareceu agora, perto das eleições, e vai dar no mesmo que aconteceu com o PAP (Programa de Alimentação Popular). «só aparece uns meses e depois nem notícia», segundo Benedita Dias Ribeiro. «Ao invés de dar tão pouco leite, deveriam é nos ajudar na compra de blusas para o uniforme», afirmou Francisca Ivanilda da Silva.

Para os professores e diretores o mais grave é a forma como se deram as demissões. «Não houve o menor respeito pelo profissional. A democracia era só para inglês ver», afirmou um professor da Escola Classe 16. «A demissão do diretor do Complexo A foi um absurdo. Deu-se enquanto ele se reunia com o diretor-executivo da FEDF, José Silva Quintas, para discutir sobre o projeto Irmãozinho. Enquanto ele estava lá, chegava aqui a professora nomeada para substituí-lo», disse um diretor que não quis se identificar.

Diretores pedem demissão

Os 23 diretores de escolas ligados ao Complexo Educacional «A» de Ceilândia, entregam hoje à tarde ao secretário-executivo da Fundação Educacional do Distrito Federal, José Silva Quintas, um documento em que colocam seus cargos à disposição da comunidade e da entidade educacional. A decisão foi tomada no fim da tarde de ontem, em reunião no Centro Educacional nº 3, quando os diretores concluíram, que a situação das escolas de Ceilândia, está «insuportável».

A contradição maior segundo eles está no fato da FEDF manter como diretriz dos seus trabalhos a participação democrática da comunidade e agir de maneira contrária com os professores. Os diretores de

complexos foram eleitos com votos de diretores de escola, professores, alunos e pais de estudantes e agora a fundação os demite sem consultar a comunidade.

Segundo eles, a situação pede até mesmo a invenção de um novo verbo — deselegar — e só cabe o uso da conjugação a quem teve direito a voto. Hoje de manhã os professores, diretores e alunos se organizarão para definir se aceitam ou não as demissões. Entretanto, o Centro Educacional nº 4, de Ceilândia Sul, já tomou posição neste sentido — eles, decidiram, ontem à tarde, que não aceitam as demissões dos diretores nem qualquer outra, mas afirmaram que estão abertos para o diálogo com a fundação.